**A escrita na escola: uma proposta pedagógica/ didática com o uso de tecnologia para alunos com deficiência visual**

Mariana Lopes da Silva ProPed/UERJ

Rosana Glat ProPed/UERJ

**Resumo:**

A inserção de crianças no mundo letrado ocorre de forma natural pela observação dos textos que circulam socialmente. Mas, para as que apresentam deficiência visual o contato com a escrita frequentemente acontece somente quando ela ingressa na escola. No intuito de refletir sobre esse processo, fazendo uso das tecnologias disponíveis para garantir a este público acessibilidade à informação e comunicação escrita, o presente trabalho tem como objetivo a análise de uma sequência didática na qual alunos com deficiência visual se utilizam do computador para a elaboração e reflexão sobre o processo de construção de textos. Para tanto, foi desenvolvida uma oficina de produção de textos para alunos do primeiro segmento do ensino fundamental com deficiência visual. Essa incluiu a produção textual dos alunos, suas observações sobre os seus escritos e a leitura. Ao final os alunos foram avaliados de acordo com o seu desenvolvimento durante o processo de escrita.

**Palavras-chave:** Alunos com Deficiência Visual; Escrita escolar; Tecnologia; Sequência Didática

**Introdução**

O presente trabalho é fruto de uma prática de ensino com alunos com deficiência visual (cegos e com baixa visão). Seu principal objetivo foi contribuir com a sua produção textual, aliando o processo de escrita ao uso da tecnologia. Para tanto, foi desenvolvida uma atividade na qual os alunos eram convidados a participar de momentos de escrita e de reflexão sobre o processo. Ao final, os textos produzidos foram compartilhados com os familiares por meio de mídias sociais por eles escolhidas.

Além de sua produção individual, eram convidados a colaborar com os colegas, ajudando-os durante a correção dos textos e, em alguns casos, dando sugestões para a escrita do mesmo. Para Vygotsky, o indivíduo se desenvolve no convívio social, no processo de vivência entre os pares. Nesse aspecto, a aquisição da linguagem é a forma de obter elementos que possibilitam o desenvolvimento cultural da criança. Ainda de acordo com o autor, “el lenguaje nace de la necesidad de comunicar y de pensar; el pensamiento y la comunicación son resultantes de la adaptación a las condiciones complejas de la vida”[[1]](#footnote-1) (Vygotsky, 1997, p. 90).

**A escrita para pessoas com deficiência visual**

A comunicação se realiza nas diversas práticas sociais em que o sujeito está imerso. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua introdução sobre a aprendizagem de linguagens na área de língua portuguesa:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2017 p.61).

Por isso, para Teberosky (1995), o conhecimento da escrita começa para a criança muito antes de ela entrar na escola, uma vez que ela se encontra imersa nesse mundo, vendo todos esses estímulos que estão à sua volta. Já para a criança cega, tal estímulo não ocorre da mesma maneira uma vez que “o Braille não é um objeto socialmente estabelecido, não fazendo, portanto, parte da sua vivência diária. Para muitos, o contato com a leitura e a escrita em Braille ocorre somente quando o indivíduo entra na escola” (LIMA, 2012. p.111).

**A escrita na escola**

No que tange ao processo de ensino e aprendizagem de produção textual, a escola criou diversas estratégias artificiais para que o educando tenhacontato com a escrita. Geraldi (2000), afirma que o texto escolar muitas das vezes perde o sentido principal da língua, que é o de comunicar:

É preciso lembrar que a produção de textos na escola foge totalmente ao sentido de uso da língua: os alunos escrevem para o professor (único leitor, quando lê os textos). A situação de emprego da língua é, pois, artificial. Afinal, qual a graça em escrever um texto que não será lido por ninguém ou que será lido apenas por uma pessoa (que por sinal corrigirá o texto e dará nota para ele. (Geraldi, 2000, p. 59)

Marcuschi (2008), por sua vez, defende que a questão não é o uso dos textos em sala de aula, mas sim como os estudantes se apropriam deles, sem refletir sobre sua principal função:

Um problema do ensino é o tratamento inadequado, para não dizer desastroso, que o texto vem recebendo, não obstante a muitas alternativas e experimentações que estão sendo hoje tentadas. Com efeito, introduziu-se o texto como motivação para o ensino sem mudar as formas de acesso, as categorias de trabalho e as propostas analíticas. (Marcuschi, 2008 p.58)

De acordo com Dolz, Noverraz e Schuneuly (2010), os gêneros textuais formam a base do desenvolvimento e aquisição da língua em sala de aula. Para esses autores

[...] o trabalho escolar, no domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem (Dolz et all., 2010, p. 51).

 O processo de aprendizagem da escrita pela pessoa com deficiência visual depende de qual recurso ele necessita, no caso dos alunos cegos o sistema Braille e para os alunos com baixa visão a ampliação da fonte com recursos ópticos[[2]](#footnote-2) ou não ópticos[[3]](#footnote-3). Mas também versa sobre outros elementos comuns ao ensino da língua como já exposto no texto.

**A prática da escrita e o uso da tecnologia**

Para incentivar a produção textual, foi desenvolvida uma oficina para alunos do 4o ano do ensino fundamental I de uma instituição de ensino especializada no atendimento de pessoas com deficiência visual, que ainda não possuíam autonomia na escrita. Entre os participantes, três eram cegos e dois tinham baixa visão. Todos apresentavam dificuldades no processo de escrita, seja pelo pouco domínio do Braille, ou de problemas na grafia e estrutura da língua escrita.

A atividade foi realizada na sala de informática da instituição, espaço com computadores com acesso à Internet, possibilitando, assim, que os alunos utilizassem, além dos editores de texto[[4]](#footnote-4) disponíveis, alguns recursos *on line*, como vídeos com audiodescrição, quando necessário, e áudios. Além dos recursos citados foi também feio uso do NVDA[[5]](#footnote-5) e o DosVox[[6]](#footnote-6) , tecnologia assistiva, tornado o texto em voz que acessibilizam o uso do computador para a pessoa com deficiência visual.

 A oficina foi organizada em quatro módulos, tendo sido apresentados três gêneros textuais, um por módulo. Nos três primeiros módulos era feita a apresentação do gênero, seguida de atividades de escrita. Já no último módulo, foi proposto que os próprios alunos fizessem a revisão dos textos, e corrigissem os mesmos coletivamente.

No módulo 1 foi trabalhado o gênero poesia, no decorrer do qual os alunos, apreenderam seus elementos composicionais e de estilo e produziram suas próprias poesias. No segundo módulo, o gênero escolhido foi o miniconto. Eles tiveram contato com contos medievais, de terror e de comédia, culminando também em produções individuais. No módulo 3, os alunos puderam ter acesso ao gênero diário, por meio de filmes e trechos de livros sendo solicitado, após, que todos escrevessem sobre sua rotina.

Cada módulo contou com no mínimo dois encontros, propiciando, assim, o contato com o gênero e uma produção escrita. Além dos educandos, no primeiro encontro de cada módulo, os familiares eram convidados a participar da atividade.

Ao final dos módulos, os alunos foram convidados a revisitar suas escritas, agora com objetivo de solucionar incoerências e corrigir possíveis erros de escrita e de digitação, que pudessem ter ocorrido durante as atividades. Como culminância do processo, as produções escritas foram publicadas em um grupo deu uma rede social, onde todos os participantes e familiares tiveram acesso as escritas.

Como resultado do trabalho desenvolvido, um dos alunos que tinha muita dificuldade em utilizar o Braille, passou a desenvolver a escrita em sala com auxílio de um computador. Outro participante aprendeu a escrever pois possuía muita dificuldade em representar os sons em grafia; no início da oficina escrevia palavras com letras aleatórias e ao final já estava escrevendo na relação grafofônica[[7]](#footnote-7) da língua. Os demais participantes foram capazes de avaliar e perceber suas dificuldades ortográficas, melhorando significativamente sua produção escrita

**Considerações finais.**

Conforme discutido, a produção escrita escolar pode muitas vezes se apresentar de forma artificial; contudo existem estratégias capazes de oportunizar que essa escrita exerça sua real função social, que é a comunicação. Pensar nessas estratégias e propiciar que os alunos possam vivenciar tal prática contribui para incrementar com o interesse pela escrita, na medida em que os estudantes passam a vivenciar sua função e sua utilidade no dia a dia.

Para os alunos com deficiência visual a reflexão sobre o processo de escrita demanda estratégias diferenciadas, pois na maioria dos casos, a percepção do todo escrito só acontece em uma nova leitura. Pensar em uma atividade que faz essa revisitação sistemática dos textos escrito ajudam a perceber suas ausências de letras ou até um equívoco cometido no uso de uma palavra errada

A escrita é um processo de reflexão sobre diversos fatores; entre eles, o processo de comunicar-se e o registro da fala. Orientar o aluno a perceber isso contribui na sua formação. Afinal, a escrita precisa ser compreendida para ter função. A troca dos textos entre os pares e com os familiares produziu nos alunos participantes da oficina o desejo de realizar atividades de escrita dentro do espaço escolar.

Ressalta-se, também, que a escrita pode e deve ser revisitada, permitindo que os alunos observem que o que se escreve precisa ser compreendido. E, indo mais além, que alterações podem ser necessárias no seu texto, algumas resultantes da contribuição de colegas a partir da leitura de seus escritos.

**Referências:**

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2017. disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 15 de mar. 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim**. Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004

GERALDI, Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 2000.

LIMA, Thalita. A importância do letramento escolar para a criança cega. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 3, n. 2, p. 108-120, 2012. disponível em: http://www.espanholacessivel.ufc.br/crianca.pdf. Acesso em 01 de mar. de 2018. [é a revista que é grifada, não o artigo]

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual. Análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial.2008.

TEBEROSKY, Ana. **Aprendendo a escrever.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

VYGOTSKY, Lev. **Fundamentos de defectología**. Madrid: Visor, 1997.

1. Tradução livre:  A linguagem nasce da necessidade de comunicar e de pensar; o pensamento e a comunicação são resultantes da adaptação às condições complexas da vida. [↑](#footnote-ref-1)
2. São recursos que utilizam lentes para a ampliação [↑](#footnote-ref-2)
3. Recursos que modificam os materiais e melhoram as condições do ambiente com a finalidade de aumentar a resolução visual [↑](#footnote-ref-3)
4. Aplicativo de edição e digitação de texto como word e libreoffice  [↑](#footnote-ref-4)
5. Non-Visual Desktop Access é um leitor de tela para o sistema operacional Windows [↑](#footnote-ref-5)
6. Sistema operacional que possui um conjunto de ferramentas e aplicativos próprio para pessoas com deficiência visual [↑](#footnote-ref-6)
7. Correspondência entre letras (grafemas) e os seus respectivos sons. [↑](#footnote-ref-7)